

# IMIGRAÇÃO, HISTÓRIA, LITERATURA: A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NO RIO GRANDE DO SUL

## *IMMIGRATION, HISTORY, LITERATURE: SECOND WORLD WAR IN RIO GRANDE DO SUL*

René E. Gertz<sup>1</sup>

### RESUMO

Entre muitas outras consequências para o Brasil, a Segunda Guerra Mundial foi responsável pela ocorrência de conflitos de caráter étnico, e mesmo religioso, em várias regiões do país. Uma delas foi o Rio Grande do Sul. Entrementes, a pesquisa histórica avançou de forma significativa no estudo desse tema. Aqui se faz uma tentativa de questionar se os resultados até agora obtidos com base em fontes históricas tradicionais poderiam ser complementados, melhorados ou até modificados com a inclusão da produção literária, supostamente ficcional, sobre esse tema. Destaca-se que se trata muito mais de uma tentativa de pesquisa que da obtenção de um resultado definitivo.

**Palavras-chave:** História e Literatura. Segunda Guerra Mundial. Rio Grande do Sul.

### ABSTRACT

*Among many consequences to Brazil, the Second World War was responsible for ethnic, and even religious, conflicts in several regions of the country. One of those was the state of Rio Grande do Sul. In the meantime, historical research about the issue has developed considerably. Here an attempt is made to question whether the outcomes reached so far based in traditional historical sources could be complemented, improved or even modified by including the literary production, allegedly fictional. It must be highlighted that it is more a matter of a research attempt than of the achievement of a definitive result.*

**Keywords:** History and Literature. Second World War. Rio Grande do Sul.

## 1 ADVERTÊNCIAS PRELIMINARES

Este texto deve começar com três advertências incisivas.<sup>2</sup> Em primei-

---

1 Doutor em Ciência Política pela Universidade Livre de Berlim. Professor aposentado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. E-mail: [gertz@cpovo.net](mailto:gertz@cpovo.net).

2 O tema se insere num projeto mais amplo intitulado “O rescaldo da Segunda Guerra Mundial no Rio Grande do Sul”, apoiado pelo CNPq, mediante bolsa de produtividade. Este texto serviu de base para uma comunicação no I Congresso Internacional de Estudos Históricos Latino-Americanos, promovido pela UNISINOS, São Leopoldo, em 5 de novembro de 2015.

ro lugar, o tema específico aqui abordado (o recurso à literatura) não reflete uma longa tradição de pesquisa por parte do autor; em segundo lugar, ele é historiador, e não crítico literário; terceiro, ele está convicto de que existe uma grande diferença entre ficção e realidade histórica, tendo manifestado – em reiteradas oportunidades, ao longo dos anos – sua inconformidade absoluta com a ideia de que se deva desistir da tentativa de buscar “verdades históricas”, motivo pelo qual a única coisa que, supostamente, poderíamos apresentar a respeito do passado seriam versões – ficções – sobre ele; ainda que, obviamente, não ignore a influência que ideias, crenças, mentalidades, portanto produções humanas não necessariamente derivadas de “verdades objetivas”, difundidas verbalmente ou por escrito – na forma de literatura, por exemplo –, podem exercer sobre o processo histórico.<sup>3</sup>

De forma concreta, essas três advertências significam que o autor tem plena consciência dos limites desta sua investida ocasional, experimental num campo novo, a literatura, ainda que a temática como tal se enquadre, perfeitamente, no campo de suas pesquisas históricas mais gerais, desenvolvidas há muitos anos – como logo se verá. De qualquer forma, isso quer dizer que, ao invés da pretensão de apresentar resultados conclusivos, trata-se, aqui, muito mais, de uma tentativa conscientemente modesta, limitada, de exploração de fontes alternativas, no caso, fontes literárias.

Para prevenir possíveis restrições de críticos literários ou de historiadores da literatura, também é imprescindível destacar, de forma enfática, que nas fontes exploradas não se aplicaram critérios de qualidade literária, levando-se em conta, exclusivamente, a suposta ou efetiva contribuição do conteúdo encontrado em algumas obras para uma tentativa de aproximação ao maior grau de “verdade” possível sobre a situação histórica aqui abordada.<sup>4</sup>

Apesar da insistência na necessidade de uma distinção rigorosa entre ficção e realidade, não há como negar possíveis contribuições da primeira, não só para a divulgação, mas até para o desenrolar de processos históricos. Naquilo que tange à divulgação entre um público maior, na opinião pública, obras de ficção, em geral, têm muito maior importância para a configuração do “conhecimento” histórico, para a constituição de uma “cultura historiográfica”, por parte de amplos setores populacionais sobre

---

3 Inversamente, também sabe, desde o primeiro semestre do curso de História, que os historiadores não possuem a chave de acesso “à verdade histórica como tal”, mas insiste que um historiador não pode abrir mão da *tentativa* de aproximar-se da “verdade”, que as fontes possuem o “direito de veto”, contra simples versões etc.

4 Na tradição da escrita da história, é comum recorrer a memórias, como fonte. A ficção pode ser vista como uma fonte semelhante.

determinados fatos ou temas do passado que obras escritas por historiadores profissionais. Esse “conhecimento” (mesmo quando deturpado ou claramente falso) pode influenciar o comportamento humano, e, assim, o próprio processo histórico. Também a escrita ficcional sobre acontecimentos e realidades do passado, com frequência, baseia-se em algum tipo de fontes, que não podem ser desprezadas. Por fim, um ficcionista pode ser um bom formulador de hipóteses, as quais, depois, podem ser testadas pelos historiadores, para serem refutadas ou confirmadas.

Mesmo que essas poucas considerações não possam ser vistas como uma grande elaboração teórico-metodológica, foram esses os pressupostos que nortearam a pequena investida empírica que aqui será relatada.

## 2 O TEMA

Minhas pesquisas históricas têm como um de seus focos o processo de imigração e colonização no Rio Grande do Sul, em especial com alemães e descendentes. Há duas questões envolvendo a relação desse processo com a literatura: a presença de personagens imigrantes e descendentes na ficção regional, e a qualidade da literatura produzida por alguns deles. Sobre o primeiro aspecto, um estudioso constatou, 35 anos atrás, “a ausência do imigrante na galeria dos heróis literários gaúchos, seu relativo ‘esquecimento’ pela literatura aqui produzida – ‘esquecimento’ que se estende por mais de um século, ao se considerar o advento do imigrante ao RS, o início das atividades literárias aqui desenvolvidas, que datam já do princípio do século passado [XIX]” (WEBER, 1980, p. 257).

Quanto à qualidade da assim chamada literatura teuto-brasileira, incluindo, naturalmente, a teuto-gaúcha, lê-se em livro clássico de Emílio Willems:

O romance, a novela, a poesia e o teatro criados por imigrantes alemães e descendentes próximos encontram a reprovação estética quase unânime dos poucos críticos alemães que tomaram conhecimento desse ramo americano de literatura germânica. É uma literatura, sobretudo, de almanaque e jornal, escrita por diletantes, e destinada ao “consumo” de leitores cuja maioria apenas alfabetizada não é capaz de elevar-se acima do nível mais rudimentar (WILLEMS, 1946, p. 545).

Por falta de conhecimento mais consistente, esses dois temas não podem ser aprofundados aqui, e muito menos pode ser feita uma avaliação crítica das afirmações dos dois autores citados. É possível que essas

opiniões não sejam compartilhadas por outros estudiosos, mas também é possível que a situação tenha mudado nas últimas três ou quatro décadas – pesquisadores que escreveram em datas mais recentes sugerem que, hoje, a situação não é mais a mesma.<sup>5</sup> Mesmo que a literatura escrita em língua alemã por alemães e descendentes não tenha recebido destaque, há autores de sobrenome alemão cujas obras em língua portuguesa, sobre aspectos do processo de imigração e colonização, estão consagradas pela crítica literária. Mas – repita-se – esta é apenas a impressão de um leigo em literatura gaúcha.

Dentro da temática imigração/colonização com alemães e descendentes, um dos principais focos de meus interesses são os acontecimentos da década de 1930, que se agudizaram durante a Segunda Guerra Mundial. Trata-se da atuação do partido nazista no Brasil – até sua proibição em 1938 –, da atuação da Ação Integralista Brasileira, com relativo sucesso nas regiões de colonização alemã no sul do país, do reavivamento da ideologia “germanista”, da existência das assim chamadas “escolas étnicas”. Tudo isso fez com que o medo do “perigo alemão”, isto é, de supostas pretensões imperialistas alemãs em relação ao Brasil, novamente fosse propagado na opinião pública brasileira (como acontecera nos cerca de 25 anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial) (GERTZ, 1991). Essa situação, por sua vez, desencadeou uma política oficial de “nacionalização”, a qual acabou desembocando em formas de repressão de vários tipos, seja por parte de agentes de Estado, seja por parte de pessoas físicas. E é com esse contexto que se tenta lidar aqui, visando a verificar em que medida a produção literária a respeito pode contribuir (ou não) para ajudar a compreender e evidenciar a realidade histórica daquele momento.

### 3 IMIGRAÇÃO ALEMÃ E SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NA LITERATURA GAÚCHA

Encontrei três estudos de origem acadêmica que tratam – de forma direta, específica – da presença de imigrantes alemães e descendentes na literatura gaúcha (SCHREINER, 1996; AQUINO, 2007; MOMBACH, 2008).<sup>6</sup> Em nenhum deles, porém, foram analisadas obras que se concentrassem,

5 “O imigrante na condição de personagem já aparece na literatura regionalista de início do século [XX], mas numa posição inferiorizada e diminuída”. “Todavia, apenas na ficção e poesia dos anos [19]70 a imigração torna-se assunto predominante, sendo trabalhada de modo singular por cada escritor” (ZILBERMAN, 1985, p. 50).

6 Apesar de tratarem de imigração/colonização alemã e literatura, não estão arroladas a dissertação de mestrado e a tese de doutorado de Imgart Grützmann [Bonow], porque esses trabalhos se dedicam a uma produção literária específica – à poesia, no primeiro caso, e à canção, no segundo (BONOW, 1991; GRÜTZMANN, 1999).

exclusivamente, no período da referida guerra, ainda que em duas delas haja rápidas referências ao tratamento que foi dado a esse tema em **O tempo e o vento** de Érico Veríssimo. Claro, “o texto concede a estes grupos [de imigrantes] apenas um papel colateral no transcurso do relato”, no conjunto da obra (ZILBERMAN, 1980, p. 92), e o período da guerra, por sua vez, constitui somente um pequeno espaço cronológico de sua limitada presença em cena, dentro do livro.

Mesmo assim, Renate Schreiner enfatizou que o personagem Rodrigo encarna a crítica ao nazismo e aos imigrantes, enquanto Rubim mostra-se mais compreensivo, condescendente, mas como o primeiro constituiria uma figura muito mais proeminente e representativa da sociedade gaúcha e brasileira envolvente que o segundo, sua opinião se sobressairia como dominante. A partir desse dado, a autora concluiu por uma avaliação final geral pouco favorável sobre alemães e descendentes, na obra de Veríssimo: “Terminada a guerra, nas últimas cem páginas do terceiro volume de **O arquipélago** não há mais menção aos imigrantes alemães. Sua presença na obra termina com o repúdio público ao imigrante, expresso pelo quebra-quebra por ocasião da entrada do Brasil na guerra” (SCHREINER, 1996, p. 56).

No trabalho de Ivânia Aquino – ao analisar o contato de alemães e descendentes com o mundo circundante, na mesma obra –, a Segunda Guerra foi considerada o momento de maior intensidade de conflitos, em toda a história de sua presença no “relato” do romancista. Entre os fatos elencados pela autora, há alguns que sugerem a possibilidade de desenvolver exercícios interessantes sobre as relações entre literatura e história gaúchas (AQUINO, 2007, p. 254 e segs.).

Nesse sentido, não deixa de ser significativo o fato de que Érico Veríssimo parece assumir como verdadeira a única fonte até hoje conhecida que dizia que Hitler alimentou ideias de anexar o sul do Brasil (AQUINO, 2007, p. 255) – trata-se do livro **O que Hitler me disse**, de Hermann Rauschning (1940), que na década de 1980 foi acusado de ser uma fraude. Na mesma passagem, também não deixa de chamar atenção uma referência a Rudolf Batke, integrante de uma pequena associação de jovens brasileiros de origem alemã que, na década de 1930, estudaram na Alemanha, onde realizaram dois ou três encontros para discutir sobre a realidade brasileira, a partir de uma perspectiva “germanista”, sem que se conheça qualquer atividade ilegal ou “subversiva” propriamente dita – desconhecem-se fontes que apontem para uma atuação no Brasil, tanto por parte de Batke quanto da associação, e sua existência, provavelmente, só se tornou conhecida, por aqui, por causa das referências muito críticas que os textos apresentados

por alguns deles, nos citados encontros, receberam em duas publicações de Gilberto Freyre (1940; 1942).<sup>7</sup>

Ainda que se possa argumentar, com alguma razão, que, neste caso, o escritor Érico Veríssimo poderia estar apenas referindo opiniões e comentários que, na época, circulavam na opinião pública – aqui, entre seus personagens –, há outra passagem que permite levantar uma discussão sobre potenciais problemas decorrentes de um desencontro irreconciliável entre ficção e realidade histórica, pois nela não se trata da reprodução de opiniões ou de comentários correntes entre personagens, mas da referência a um “fato efetivamente acontecido”. Na trama relatada por Érico Veríssimo, judeus foram espancados, “primeiro o Arão Stein e, depois, o mascate bastante conhecido dos moradores de Santa Fé, atacado à luz do dia ‘por três rapazes alourados que tinham o aspecto iniludível de membros da Juventude Hitlerista’” (AQUINO, 2007, p. 255).<sup>8</sup>

Anos atrás, numa minissérie da Rede Globo, apareceu uma cena em que uma moça judia foi atacada fisicamente, na rua, por integralistas. Um grupo de historiadores acadêmicos dedicados ao estudo do integralismo (GEINT), todos eles pesquisadores muito sérios e críticos, discutiu longamente sobre essa cena, mas nenhum deles soube citar um episódio desse tipo efetivamente registrado em fontes históricas.

Da mesma forma, naquilo que tange especificamente ao Rio Grande do Sul, o memorialista Moysés Eizirik (1984, p. 77; 1986, p. 41) cita um confronto entre integralistas e judeus, no bairro Bom Fim, em Porto Alegre, mas a iniciativa do enfrentamento teria partido dos próprios judeus, que teriam batido os outros.<sup>9</sup> Não cabe discutir, neste ponto, se integralistas e nazistas eram a mesma coisa, mas destacar que, no mínimo, Eizirik não refere que tenham sido alemães ou descendentes. E é justo pressupor que, se tivesse havido ataques físicos de integralistas e/ou nazistas a judeus, o

7 Trata-se do *Deutsch-Brasilianischer Arbeitskreis* – Círculo Teuto-Brasileiro de Trabalho.

8 Trata-se da “Juventude Teuto-Brasileira”, cuja ação “dissolvente” da nacionalidade brasileira foi denunciada pelo então secretário de educação do Rio Grande do Sul, J. P. Coelho de Souza (1941, p. 39-43), mas sem lhe atribuir atos de violência física. Nos dois extensos volumes sobre supostas ou efetivas atividades nazistas no Rio Grande do Sul publicados pelo então chefe de polícia do estado, Aurélio da Silva Py, há amplas referências à mesma “juventude” (PY, 1942, p. 239-283; PY, sem indicações, p. 303-466), mas também ali não são referidas violências físicas contra judeus.

9 “Falando em integralismo, houve um núcleo integralista no Bom-Fim, e seus participantes, vestidos com camisa verde e passo de ganso, com a saudação *Anauê*, passaram a fazer desfiles no Bom-Fim. Os jovens associados do Círculo e do G. E. Israelita resolveram fazer um basta, e num determinado dia, após grossa pancadaria, dissolveram a passeata, e a partir daí não houve mais desfiles no Bom-Fim” (EIZIRIK, 1984, p. 77). Eizirik nasceu em 1919, e, portanto, vivenciou esse período e esses fatos como adulto.

autor certamente teria referido o fato, neste contexto – já que o episódio da investida contra os integralistas foi relatado em *dois* livros.

Na tese de doutorado de Cristine Fortes Lia (2003), intitulada **Bons cidadãos: a comunidade judaica do Rio Grande do Sul durante o Estado Novo (1937-1945)**, não há referências a agressões físicas contra judeus perpetradas por nazistas; e em recente tese de doutorado sobre o nazismo no Rio Grande do Sul, lê-se que, “apesar da defesa da superioridade racial e do ódio aos judeus, não foram encontrados registros de enfrentamentos ou manifestações públicas de antissemitismo” (LUCAS, 2011, p. 204).

Essas referências permitem arriscar a hipótese de que não é de todo descabido imaginar que Érico Veríssimo tenha exercido sua “liberdade ficcional” para “carregar nas cores”, ao menos em relação a este ponto específico, e, portanto, tenha incorrido em uma “falsificação” histórica, involuntária ou não – ao menos de acordo com aquilo que o atual estado da pesquisa histórica sugere. Neste caso, estaríamos diante de uma relação problemática entre literatura e história, já que **O tempo e o vento** de Érico Veríssimo foi, e continua sendo, uma fonte muito importante para a configuração da “cultura historiográfica” sobre o Rio Grande do Sul, no imaginário de amplos setores populacionais.

Mas também cabe aventar a possibilidade (hipotética?) de que essa “informação”, contida num texto ficcional de ninguém menos que de Érico Veríssimo, deveria servir de motivação para novas pesquisas, por parte de historiadores, a fim de reforçar ou desmentir aquilo que, até o momento, está vigorando como “verdade histórica” sobre o assunto.

A rigor, cronologicamente, a primeira obra de ficção dedicada especificamente ao nosso tema foi **Um rio imita o Reno** de Clodomir Vianna Moog (1939), mesmo que tenha sido publicada no ano em que a guerra estava apenas começando na Europa, e ela aqui ainda só aparecesse como uma realidade ou ameaça distante. Mas o livro reflete, de forma clara, o clima que esteve por trás dos acontecimentos registrados nos anos posteriores. Abstraindo da possível participação do próprio Érico Veríssimo em sua configuração final, essa obra pode ser classificada como um caso de ficção que “fez” história, pelo impacto que teve na opinião pública e entre autoridades, à época de sua publicação.

Além do sucesso entre o público em geral, com a primeira edição esgotada em poucos dias, a Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul adquiriu exemplares para distribuição às bibliotecas escolares, de forma que ela exerceu um papel “histórico” no processo de “nacionalização” (GERTZ, 2005, p. 116). Considerando, porém, que a bibliografia produzida por historiadores a respeito já é bastante extensa (AGUIAR, 2013; CARVALHO, 2009;

DREHER, 2008; GRÜTZMANN, 2008; HENRIQSON, 1982; MARSON, 2009; SANTOS, 2014), não é possível fazer, aqui, uma avaliação de tudo aquilo que já foi dito, para, eventualmente, tentar avançar no tema, motivo pelo qual se deixa de considerar esse caso. E como **Longe do Reno: uma resposta a Vianna Moog** de Bayard de Toledo Mércio (1940), foi um livro escrito em reação ao de Vianna Moog, também ele deixa de ser analisado.

Outro livro diretamente relacionado com o assunto é **Cogumelos de outono** de Gladstone Osório Mársico (1972). O autor nasceu em 5 de abril de 1927, de forma que, ao final da guerra, tinha 18 anos de idade. Apesar de nascido em Erechim, cenário da “fictícia” cidade de Boa Vista, no vale do “rio Dourado”, não se sabe, porém, se o relato deriva de vivências pessoais ou de informações colhidas na tradição oral, pois consta que com 11 anos (em 1938) estudava no Colégio Catarinense, em Florianópolis, tendo frequentado, posteriormente, o Rosário, em Porto Alegre (SASS, 1994, p. 15).

Apesar de a trama envolver italianos e ao menos uma família japonesa – interessantemente, não aparecem poloneses –, não há dúvida de que os “alemães” constituem destaque, pois, no romance, são “os sigmas, suásticas, audições dos discursos de Hitler e Goebbels, a fazerem vibrar a colônia germânica, que espera pela vinda do *Führer* ao Vale do Rio Dourado” (WEBER, 1980, p. 266).

Como se trata de uma sátira debochada, onde a guerra constitui antes uma moldura dentro da qual os acontecimentos locais são narrados do que o tema em si, isso faz com que, em tese, as informações “históricas objetivas” que podem ser derivadas sobre ela, do livro, são restritas. Ainda assim, há algumas passagens que merecem ser referidas.

Eu mesmo participei da discussão sobre as relações entre nazismo, integralismo e fascismo (GERTZ, 1987, p. 118-138) – eram “tudo a mesma coisa”, ou formavam grupos claramente diferenciados entre si? No livro, os três aparecem diferenciados, mas, em função de “afinidades eletivas” entre si, fizeram um pacto de respeito mútuo e de convivência respeitosa. Além disso, sobre vários outros aspectos da história do período há acontecimentos correspondentes na trama do livro. Lá estão: a histeria sobre uma possível invasão do Brasil pela Argentina, naturalmente com a ajuda de Hitler; o recolhimento dos rádios, para que os “colonos” não pudessem mais sintonizar a Rádio de Berlim, por meio da qual, supostamente, recebiam instruções sobre as tarefas que deveriam cumprir dentro do processo de invasão; e os ensaios com *blackouts* contra possíveis ataques aéreos alemães ou italianos a cidades localizadas no profundo interior do Rio Grande do Sul, por exemplo.

Interessante é também a referência a episódios que denotam uma

observação acurada, sugerindo que de fato aconteceram – e não constituem apenas invenção (ficção) do autor, ou de seus informantes. Assim como em outras fontes, há relatos sobre a repressão violenta contra o uso de línguas estrangeiras, quando aparecem cenas nas quais o próprio latim utilizado por padres em atos litúrgicos foi reprimido. Outro detalhe revelador é a reação do coronel do exército que apareceu em Boa Vista para supervisionar o ensaio de um *blackout* – independente de se referir a fascistas, integralistas, nazistas, ou a seus opositores, para ele, toda a sociedade local pareceu-lhe totalmente estranha, exótica. Essa situação lembra um relato, corrente na tradição oral, referente a Caxias do Sul, onde o comandante da guarnição militar federal teria acabado com uma festa patriótica elegante, quando constatou que no cardápio não constava nenhuma comida “tipicamente brasileira”, só sopa de *capeletti*, massas, e outros alimentos exóticos do mesmo tipo.

De fato, esse tipo de estranhamento por parte de integrantes das forças armadas estacionadas nessas regiões existiu, como se pode verificar em livros escritos por alguns oficiais que foram deslocados para a “colônia alemã”, durante o período (BETHLEM, 1939; NOGUEIRA, 1947). O papel do exército como instância no mínimo interveniente no processo de “nacionalização” está, aqui, referido numa obra de ficção.<sup>10</sup>

Em contrapartida, chama atenção o fato de que não há qualquer referência sobre a constituição da Força Expedicionária Brasileira, e seu deslocamento para a Itália – talvez esse tema não se prestasse muito para uma sátira. De qualquer forma, mesmo com possibilidades de aproveitamento restrito para uma tentativa de rever a “verdade histórica” sobre os efeitos da Segunda Guerra Mundial na “colônia alemã”, a leitura do romance de Mársico não é de todo inútil para historiadores.

#### 4 OUTRAS FONTES LITERÁRIAS SOBRE O TEMA

Tanto o livro de Vianna Moog quanto o de Mársico tiveram repercussão significativa na época de sua publicação, e, hoje, integram o cânone da literatura gaúcha. Mas para um possível avanço no conhecimento histórico com a colaboração da literatura, certamente também podem servir textos de ficção que tiveram menor repercussão, e, talvez, possuam menor qualidade literária. Passo a referir dois casos. Trata-se de um livro de Henrique Todt Junior (1980) intitulado **Fräulein: o drama de uma brasileira loura**, e de **O homem sem nome**, de Edgar Welzel (1993).

Todt Junior nasceu em Pelotas, a 8 de dezembro de 1909, e morreu

---

<sup>10</sup> Sobre o papel efetivo das forças armadas nesse processo, cf. PAULA, 2006.

em Indaiatuba, São Paulo, a 11 de maio de 1989. Não foi possível descobrir muitos dados biográficos, além daqueles constantes no próprio livro: era bacharel em Filosofia e Teologia, foi deão da catedral da Santíssima Trindade, em Porto Alegre, reitor do Seminário Teológico da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, em São Paulo (1961-1966) – portanto, de confissão religiosa episcopal-anglicana –, formado em jornalismo pela PUCRS, diplomado em Ciências Políticas e Sociais pela mesma universidade, atuou em diversos jornais gaúchos.

A trama central envolve o comerciante local Marcos Louzada, de origem estrangeira, vindo de um país “vizinho”, interessado numa aventura amorosa com a filha Hildegard (Garda) do carpinteiro Frederico Rueger, alemão, com cuja família vinha mantendo boas relações. Para atingir seu objetivo, Louzada denunciou, de forma secreta, o pai Rueger como “quinta-coluna”, isto é, nazista traidor do Brasil, conseguindo sua prisão e seu internamento na “Colônia Coronel Demócrito”, que constitui uma referência óbvia à Colônia Penal Daltro Filho, em Charqueadas, um dos diversos campos de internamento de “súditos do Eixo” que existiram do Pará até o Rio Grande do Sul, conforme mostrou Priscila Perazzo (2009). Depois, ainda conseguiu induzir o irmão da moça a alistar-se como voluntário na Força Expedicionária Brasileira, fato que resultou em sua morte, na Itália. Com as dificuldades decorrentes dessa situação, a moça viu-se forçada a aceitar um emprego no escritório do comerciante, e a história terminou em tragédia – além do filho morto no *front* de guerra, o pai não voltou da prisão, e a filha também acabou morrendo.

Ainda que a cidade em que transcorre a narrativa não seja nominalmente identificada, e localidades do interior tivessem nomes fictícios, tudo indica que se trata de Pelotas, já que o autor nasceu ali. Esse município constitui o maior centro de uma região de significativa imigração e colonização – em especial alemã, ainda que pouco conhecida como tal pela opinião pública do restante do estado e do país –, fato que o transformou em cenário de conflitos sangrentos, durante a Segunda Guerra Mundial, como mostrou um estudo de José Plínio Fachel (2002).<sup>11</sup> Caso tenha permanecido na cidade até a idade adulta, pode ter assistido aos fatos por ele narrados (tinha, então, pouco mais de 30 anos).

O enredo lembra muitos aspectos e fatos amplamente conhecidos sobre os efeitos da guerra nas regiões de colonização alemã: dificuldades de pastores para exercer sua atividade nas comunidades religiosas protestantes, denúncias contra inocentes, dificuldades econômicas e problemas

---

11 Fachel não arrola Todt Junior, em sua bibliografia.

de abastecimento, a divulgação de notícias de que “alemães” estariam planejando o envenenamento da água potável da cidade, a existência efetiva de nazistas (o “velho Kurz” ia regularmente à banca de jornais, para verificar os anúncios fúnebres de judeus publicados na imprensa da Capital, anotando os nomes dos falecidos – na expectativa do desaparecimento da “raça”).

Numa leitura atenta do texto, o historiador, porém, descobre alguns aspectos que sugerem a necessidade de retomar a pesquisa, para uma eventual complementação ou até correção daquilo que se estabeleceu até agora como “verdade histórica” sobre o tema. Citem-se alguns poucos exemplos.

O referido “velho Kurz” trabalhava numa empresa norte-americana, e foi despedido, não sob o argumento de ter cometido algum crime, deslize funcional, ou mesmo por ser nazista, mas pelo simples fato de ser “súdito do Eixo”. Apesar de, até recentemente, pouco exploradas pela pesquisa histórica, situações desse tipo efetivamente ocorreram, como mostram os trabalhos de Tamires Xavier Soares (2016) sobre Pelotas.

Além desse, são relatados alguns episódios cuja existência real mereceria ser verificada por meio de investigações detalhadas, pois soam pouco verossímeis. Enquadram-se nessa categoria o assassinato de uma menina “alemã” por parte de um francês, cuja motivação teria sido a agressão alemã à França; o episódio em que um médico alemão colocou uma placa na porta do seu consultório informando que não se falava alemão, situação que levou à morte de uma criança, cujos pais colonos não falavam português, e o médico simplesmente não os atendeu.

Além disso, em muitos anos de pesquisa, topei com apenas uma referência verbal à emigração de “alemães” do Rio Grande do Sul para a Argentina e o Uruguai, em função das perseguições durante a guerra – no livro, há referência a isso, motivo pelo qual também caberia aprofundar a investigação a respeito.

Não de todo desimportante é, ainda, a relação entre o pastor luterano local Renk e o reverendo anglicano Freitas – caberia verificar em que medida também protestantes não luteranos nem “alemães” eventualmente foram afetados pelo clima de desconfiança durante a guerra, por causa do caráter “estrangeiro”, “exótico” de sua confissão religiosa.<sup>12</sup>

Esse questionamento em relação ao contexto religioso tem sua razão de ser, pois mesmo que não se encontrem muitas referências sobre o

---

12 Ocorre também uma interferência benigna de um padre jesuíta (p. 82) – o autor teria pensado no padre Balduino Rambo?

tema nas fontes, em alguns momentos ele transparece nas falas de autoridades. A partir de 1939, foram trazidos “coloninhos” para Porto Alegre, durante a Semana da Pátria, para serem “abrasileirados”. Estão preservados discursos de autoridades, nessas ocasiões. Num desses discursos, do oficial do exército brasileiro De Paranhos Antunes, lê-se que esses meninos, descendentes de “alienígenas”, “virão dos grotões das colônias, das serranias distantes, dos confins do Rio Grande, para a feéirie e o deslumbramento da Cidade Sorriso”, e o objetivo desse deslocamento seria o de “arrancar os filhos do colono e do caboclo do indiferentismo e à ignorância”, para “levar-lhes, com a cartilha do ABC, o *catecismo da nossa religião* e o breviário de nosso civismo” (LENZI, 1940, p. 24). Não pode haver qualquer dúvida de que com a expressão “nossa religião” o oficial quisesse referir-se ao catolicismo – e isso, sem estar expressamente dito, obviamente significava que ele o considerava como *a religião nacional*, enquanto as demais confissões, no mínimo, não seriam plenamente nacionais, ainda que o caráter “estrangeiro”, “exótico” certamente obedecia a gradações, dependendo de que igreja “protestante” estivesse em pauta.

Por outro lado, há referências que permitem fazer algumas deduções sobre a situação cultural-religiosa no interior do estado, naquela época, justamente no sentido da existência de um pluralismo religioso. Nesse sentido, os leitores, por exemplo, recebem informações de que grandes figuras do protestantismo internacional, do luteranismo, eram conhecidas e referidas, numa cidade do interior gaúcho – em três passagens diferentes, foram citados os nomes de Albert Schweitzer, Martin Niemöller e Dietrich Bonhoeffer.<sup>13</sup>

Contrariando o imperativo da precisão de dados, exigida de um historiador, o livro registra ao menos um pequeno erro factual – o sargento Max Wolf, tombado na Itália, como “pracinha” da FEB, não era mineiro, mas sim paranaense (p. 192).

Quanto a Edgar Welzel – autor de **O homem sem nome** –, nasceu em 3 de abril de 1938, e passou sua infância no centro-norte do Rio Grande do Sul, na região de Não-Me-Toque, depois estudou na Escola Normal Evangélica, em São Leopoldo, onde se formou em 1957. Diferentemente de Todt Junior, teria apenas 7 anos quando a guerra terminou, de forma que seu relato, com certeza, deriva mais de “ouvir falar” que de vivência própria. Mesmo assim, trata-se, claramente, de uma narrativa “autobiográfica” – mesmo que declaradamente ficcional –, tendo no pai, professor, um dos personagens centrais (e, provavelmente, a mais importante de suas fontes),

---

13 O primeiro, conhecido por sua atuação na África, os dois outros por seu confronto com o nazismo.

aparecendo com o nome de batismo real (ainda que o sobrenome seja fictício). Grosso modo, também aqui vários dos episódios narrados fazem parte do “folclore” sobre aquele contexto histórico, como no livro de Todt Junior.

Se neste aparecem pastores em apuros, Welzel dá maior destaque aos problemas enfrentados pelos professores. Mas aparece também a vigilância policial das casas, para surpreender pessoas falando alemão. Se em **Fräulein** há referências à aproximação entre luteranos e anglicanos diante das adversidades, aqui essa aproximação se dá entre pastores luteranos e padres católicos, e também entre cidadãos comuns “alemães” e “italianos”. Uma lembrança significativa se manifesta no personagem Karl-Heinz Burger, um representante típico daquilo que ficou conhecido como “renegado étnico” – um indivíduo que odeia suas origens alemãs, a ponto de tornar-se delator, e modificar seu nome para Carlos Henrique Borges (p. 125).

A repetição de referências em lugares tão distantes entre si quanto Pelotas (Todt Junior) e Não-Me-Toque (Welzel) a efeitos que a guerra teve sobre populações de origem alemã reforça sua plausibilidade, e, portanto, a probabilidade de sua efetiva ocorrência.<sup>14</sup>

## 5 RESULTADOS PROVISÓRIOS

Pessoalmente, devo confessar que os dois livros me trouxeram alguma insegurança em relação a resultados de pesquisas por mim publicados – ainda que eu tenha sido cauteloso ao redigir o texto. Em meu livro **O Estado Novo no Rio Grande do Sul**, trato, muito rapidamente, sobre mortes violentas ocorridas no período: “a política de nacionalização não levou só à perda de bens culturais e materiais. Há a lamentar, no mínimo, cinco mortes catalogadas. É possível que pesquisas futuras aumentem esse número” (GERTZ, 2005, p. 177). Dentre essas mortes, apenas uma se refere à Colônia Penal Daltro Filho – e ela teria ocorrido mais por falta de assistência médica que por tortura.

Aquilo que me trouxe dúvidas em relação a essa minha afirmação foi o fato de que *todos* aqueles que, no livro de Todt Junior, foram enviados para a “Colônia Coronel Demócrito” não voltaram vivos, e o mesmo aconteceu com *todos* aqueles que, no livro de Welzel, foram enviados para aquilo que ele chama de “ilha” – isso sem falar daqueles que teriam morrido nas

---

14 Após a redação deste texto, cheguei ao meu conhecimento a existência de outro romance, tendo como cenário – de forma expressa – Não-Me-Toque, no mesmo período. O enfoque deste romance é o inverso daquele de Welzel, pois nele os “maus” são “alemães” e “italianos”, havendo, inclusive, a possibilidade de que o professor local, personagem central desta história, tenha sido o pai de Welzel, ainda que, obviamente, não nominado (CROSSETTI, 1949). Pelo conhecimento tardio, este livro não pôde ser incluído na análise.

delegacias de polícia locais. Será que a mortandade foi maior que eu imaginei até agora, com base nas fontes tradicionais por mim pesquisadas?

Esta última dúvida, por si só, bastou para considerar-me satisfeito com o resultado desta pequena investida para juntar literatura e história. Ela, no mínimo, sugere algumas possibilidades de aprofundamento ou até de revisão em minhas pesquisas realizadas até aqui.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Luciano Vieira de. *O preconceito racial na obra “Um rio imita o Reno”*: um paralelo com a atualidade. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.
- AQUINO, Ivânia Campigotto. *A representação da etnia alemã no romance sul-rio-grandense*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2007.
- BETHLEM, Hugo. *O vale do Itajaí*: jornadas de civismo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.
- BONOW, Imgart Grützmann. *Onde o sabiá canta e a palmeira farfalha*: a poesia em língua alemã publicada nos anuários (1874-1941) sul-rio-grandenses. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.
- CARVALHO, Enildo de Moura. No romance da imigração alemã, a expressão intelectual de Vianna Moog. In: COSTA, Miguel Ângelo S. da et al. (Orgs.). *Explorando possibilidades: experiências e interdependências entre imigrantes alemães, seus descendentes e outros mais no Brasil Meridional*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009, p. 120-148.
- CROSSETTI, Odilon. *Mais forte foi meu destino*. Porto Alegre: Globo, 1949.
- DREHER, Martin N. “Um rio imita o Reno” ou “‘Longe do Reno’ também se é feliz”: considerações sobre uma obra de Clodomir Vianna Moog e uma resposta de Bayard de Toledo Mércio. In: DREHER, Martin Norberto; KUNZ, Jaqueline Anchau; MÜGGE, Miquéias Henrique (Orgs.). *Imigração e relações interétnicas*. São Leopoldo: Oikos, 2008, p. 1095-1101.
- EIZIRIK, Moysés. *Aspectos da vida judaica no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul/Porto Alegre: EDUCS/EST, 1984.
- EIZIRIK, Moysés. *Imigrantes judeus: relatos, crônicas e perfis*. Porto Alegre/Caxias do Sul: ESTEF/EDUCS, 1986.
- FACHEL, José Plínio Guimarães. *As violências contra alemães e seus descendentes, durante a Segunda Guerra Mundial, em Pelotas e São Lourenço*. Pelotas:

- Editora da UFPel, 2002.
- FREYRE, Gilberto. *O mundo que o português criou*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.
- FREYRE, Gilberto. *Uma cultura ameaçada: a luso-brasileira*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.
- GERTZ, René E. *O fascismo no sul do Brasil: germanismo, nazismo, integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- GERTZ, René E. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1991.
- GERTZ, René E. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Editora da UPF, 2005.
- GRÜTZMANN, Imgart. *A mágica flor azul: a canção em língua alemã e o germanismo no Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- GRÜTZMANN, Imgart. Estranhos no ninho: zona de contato e relações interétnicas em produções literárias de pe. Balduino Rambo e Clodomir Vianna Moog. In: DREHER, Martin Norberto; KUNZ, Jaqueline Anchau; MÜGGE, Miquéias Henrique (Orgs.). *Imigração e relações interétnicas*. São Leopoldo: Oikos, 2008, p. 112-153.
- HENRIQSON, Marlene Terezinha Corrêa. *Um rio imita o Reno: história e ficção*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1982.
- LENZI, Branca Regina. (Org.). *Os coloninhos: Semana da Pátria, 1940*. Porto Alegre: Editora Globo, 1940.
- LIA, Cristine Fortes. *Bons cidadãos: a comunidade judaica do Rio Grande do Sul durante o Estado Novo (1937-1945)*. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- LUCAS, Taís Campelo. *Nazismo d'além mar: conflitos e esquecimento (Rio Grande do Sul, Brasil)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- MÁRSICO, Gladstone Osório. *Cogumelos de outono*. Porto Alegre: Movimento, 1972.
- MARSON, Ana Maria Rodrigues. *Vianna Moog, ensaísta e ficcionista – cotejo entre suas concepções e suas práticas narrativas*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- MÉRCIO, Bayard de Toledo. *Longe do Reno: uma resposta a Vianna Moog*. RIHGRGS, Porto Alegre, n. 152, p. 97-113, julho de 2017.

- Porto Alegre: Oficinas Gráficas do Instituto Técnico Profissional do Rio Grande do Sul, 1940.
- MOMBACH, Clarissa Kristen. *A representação da cultura brasileira teuto-gaúcha na literatura sul-rio-grandense contemporânea*. Dissertação (Mestrado em Letras Comparadas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- MOOG, Clodomir Vianna. *Um rio imita o Reno*. Porto Alegre: Editora Globo, 1939.
- NOGUEIRA, Rui Alencar. *Nacionalização do vale do Itajaí*. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1947.
- PAULA, José Fabiano de. *O que a escola começa, o exército continua: a campanha de nacionalização durante o Estado Novo nos núcleos coloniais teuto-brasileiros do Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) – Universidade de Ijuí, 2006.
- PERAZZO, Priscila Ferreira. *Prisioneiros da guerra: os “súditos do Eixo” nos campos de concentração brasileiros (1942-1945)*. São Paulo: Humanitas/Imprensa Oficial, 2009.
- PY, Aurélio da Silva. *A 5ª coluna no Brasil: a conspiração nazi no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 1942.
- PY, Major Aurélio. *O nazismo no Rio Grande do Sul: 2º relatório*. (Sem indicações).
- RAUSCHNING, Hermann. *O que Hitler me disse*. Rio de Janeiro: Edições Dois Mundos, 1940.
- SANTOS, Rodrigo Luís dos. Um isolamento opcional: a construção da imagem do imigrante não integrado ao Brasil na obra *Um rio imita o Reno*. *Mnemosine* – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFCG, Campina Grande, v. 5, n. 2, p. 110-124, 2014.
- SASS, Vera Beatriz. *O satírico e o picaresco em Gladstone Osório Mársico*. Porto Alegre: IEL/Movimento, 1994.
- SCHREINER, Renate. *Entre ficção e realidade: a imagem do imigrante alemão na literatura do Rio Grande do Sul*. Lajeado/Santa Cruz do Sul: FATES Editora/Editora da UNISC, 1996.
- SOARES, Tamires Xavier. *Lei para todos: tensões trabalhistas entre “súditos do Eixo” e empregadores, durante a Segunda Guerra Mundial, em Pelotas*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- SOUZA, J. Coelho de. *Denúncia: o nazismo nas escolas do Rio Grande*. Porto

- Alegre: Editora Thurmann, [1941].
- TODT Junior, Henrique. *Fräulein*: o drama de uma brasileira loura. São Paulo: Editora Soma Ltda., 1980.
- WEBER, João Hernesto. O imigrante alemão na ficção gaúcha. In: *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 256-270.
- WELZEL, Edgar. *O homem sem nome*. Brasília: Edição do autor, 1993.
- WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil*: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.
- ZILBERMAN, Regina. *Literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- ZILBERMAN, Regina. *Literatura gaúcha*: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: L&PM, 1985.

Recebido em 02/02/2017

Aprovado em 22/06/2017